

A Ascensão de Donald J. Trump e o embate ideológico nos EUA

The Ascension of Donald J. Trump and the ideological clash in the USA

La ascensión de Donald J. Trump y el embate ideológico en EEUU

Ariel Finguerut

Doutor em Ciência Política pela Unicamp, mestre em sociologia pela UNESP (campus de Araraquara), pesquisador do Grupo de Trabalho Oriente Médio e Mundo Muçulmano da Universidade de São Paulo (GT OMMM), e do Projeto Sem Diplomacia – Uma parceria entre o Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI) e a Assessoria de Comunicação e Imprensa da UNESP.

E-mail: arielfing@gmail.com

Resumo: A proposta deste capítulo é fazer um retrato político e ideológico a partir das ideias e das discussões suscitadas por Donald John Trump em sua candidatura à presidência dos EUA na eleição de 2016. Propomos a partir de Trump estudar a emergência de um movimento nativista nos EUA que dialoga com tradições políticas americanas como o populismo progressista dos anos de 1920 e 30 até a re-emergência de movimentos nacionalistas e nativistas nos anos de 1990. Nosso objetivo é não só ter ferramentas para discutir Trump em termos ideológicos, como entender suas estratégias eleitorais explicitando suas influências e características ideológicas buscando uma discussão mais ampla sobre os rumos do poder americano e suas sustentações ideológicas no limiar do século XXI.

Palavras-Chave: Donald J. Trump. Movimentos Nativistas. Progressismo. Paleoconservadores.

Abstract: The proposal of this project is to make a political and ideological portrait of Donald Jay Trump working since his ideas and discussions raised during his candidacy until the end of his

presidency. We argue that Trump represents the emergence of a nativist movement that dialogues with different political traditions from the U.S. From the progressive populism of the 1920s and 1930s to the emergence of nationalist and nativist movements that reemergence in the 1990s. Throughout the development of the project we will discuss Trump's ideology and his electoral strategies by explaining his influences and ideological characteristics in a broad debate, considering the paths and the ideological support of the American power in this 21th century.

Keywords: Donald J. Trump. Nativism. Progressive Movement. Paleoconservatives.

1. Introdução

Nossa proposta é discutir as estratégias, ideias e conjuntura ideológica que nos ajudam a entender os rumos do poder americano a partir da ascensão das ideias representadas e trazidas pela eleição de Donald J. Trump. Para tanto um ponto de partida é encontrarmos chaves explicativas para a emergência e a vitória do fenômeno Trump. Em seguida discutiremos o conceito de nativismo mostrando e discutindo autores e personalidades da história política dos EUA que nos ajudam a entender tal classificação. Passaremos para algumas consequências e nuances de um

presidente como Trump para o poder americano no século XXI.

Nossa tese de partida aponta para uma inflexão no conservadorismo americano e para um momento de crise no espectro ideológico que tradicionalmente aplicamos para estudar os fenômenos políticos estadunidenses. Vivemos um momento de descrédito das ideias e anti-intelectualismo aumenta um clima de polarização política e certa paranoia nos termos Richard Hofstadter, que por vez se alimenta da ansiedade diante de um declínio do poder americano e de todas as mudanças porvir. E ao debatermos os rumos do poder americano, discutiremos a tese do declínio do poder americano pelo menos 4 frentes: Declínio da presença militar; isolamento e descrédito das Organizações Políticas Internacionais; Perda de prestígio e atraso tecnológico na liderança da transição econômica; Instabilidade doméstica, segregação e conflitos raciais, conflitos religiosos e polarização política, descrédito na democracia e nas instituições políticas.

Frente ao debate doméstico sobre polarização e a geografia do voto faremos uma revisão

bibliográfica somada a pesquisas de campo realizadas entre 2014 e 2016. No terceiro momento deste artigo faremos o debate sobre o poder americano a partir da retórica nativista de Donald Trump.

Para entender a ascensão de Donald Trump como um fenômeno político que podemos classificar como nativista precisamos discutir sua retórica e suas estratégias políticas para entender o agravamento e desprestígio político, recuo militar e crise econômica - que os EUA periodicamente têm passado. Assim, entender seu impacto e sua construção como líder populista nos permite avançar no debate sobre tradições, embates e construções e contradições ideológicas nos Estados Unidos.

2. A Ascensão de Donald J. Trump

Donald Trump demorou a ser levado a sério como pré-candidato. Em 2012 ensaiou lançar-se e na ocasião ganhou notoriedade (negativa) ao insistir em reproduzir as teorias dos *birthers* que argumentam haver uma fraude na trajetória pessoal de Barack H. Obama que o impediria de ser presidente dos EUA por ter nascido em outro país. Em

resposta a campanha de Obama lançou souvenirs com a certidão de nascimento de Obama. A própria relação de Trump com o Partido Republicano é bastante frágil, há entrevistas de 2004⁷⁸ no qual ele se diz mais próximo dos democratas do que dos republicanos. E Trump também mostra-se relutante em aceitar, caso não ganhasse as primárias, apoiar o escolhido e não sair candidato de qualquer modo. Contudo, Trump chegou ao final de 2015 como o pré-candidato mais forte, atingindo 23.3% na média das pesquisas de setembro de 2015. Em poucos meses de campanha Trump fez declarações que suscitaram polêmica em diferentes setores, das mulheres, negros e latinos passando por acusações de islamofobia, fascismo e apologia à violência.

Seria Trump, um candidato próprio de uma linhagem populista? Ou como argumenta *Gallagher* (2016), Trump seria um típico centrista, na qual o foco não é nem a direita ou a esquerda, mas o radicalismo do meio que foca na classe média e busca defendê-la diante dos interesses mais

⁷⁸ Cf. Entrevista em < <http://edition.cnn.com/2015/07/21/politics/donald-trump-election-democrat/> > Acessada em 13/10/2015.

poderosos? Walter Russell Mead (2002) faz uma tipologia já intensamente debatida da tradição política própria dos EUA e argumentara por exemplo que Trump se parece com os Jacksonianos, uma tradição com raízes profundas que remetem a Andrew Jackson, cujo movimento que liderou de forte viés populista foi decisivo para a criação do Partido Democrata, ou mesmo movimentos como o Kun Klux Klan (KKK) que em seu auge nos anos de 1920 teve milhões de filiados⁷⁹, inclusive Harry Truman que depois em 1945, já não mais filiado, torna-se presidente dos EUA.

Para alguns biógrafos de Trump, a questão pode ser mais simples, apresentando o presidente dos EUA como uma pessoa que nunca deixou de pensar e agir como uma criança de 6 anos⁸⁰. Para outros como o professor de psicologia Dan P. McAdams (2016), Trump deve ser discutido como um caso patológico de narcisismo.

Sem desconsiderar estas abordagens discutiremos aqui a ideia de Donald Trump como um candidato e presidente, nativista e inserido numa tradição de populismo da história política dos EUA. O recorte geográfico é importante pois o conceito de populismo tem outros significados em outras regiões do mundo. A América Latina em particular tem uma cara e longa discussão sobre a tradição populista⁸¹.

Segundo Lyons e Berlet (2000) a linhagem populista/nativista dos EUA sustenta-se num tripé formado por um movimento de mobilizado de base, uma retórica antielitista (alimentada por uma lógica de identificar e projetar todos os problemas um “bode expiatório”) e ataques em grupos sociais historicamente oprimidos. Em termos históricos há marcos do movimento populista como o movimento *Know Nothing*, que em 1850 ganhou como nos mostra Desmond (2012) eleições em cidades importantes como Salem, Boston e cidades também da Nova Inglaterra. Na retórica dos candidatos *Know*

⁷⁹ Cf. discussão mais detalhada em: Bellant, Russ. *Old Nazis, the New Right, and the Republican Party: Domestic fascist networks and their effect on U.S. cold war politics*. Ed. South End; 3a edition. 1991.

⁸⁰ Cf. em <
<http://edition.cnn.com/2016/03/04/opinions/president-trump-six-year-old-with-nuclear-weapons-dantonio/> >
Acessado em 15/12/2016.

⁸¹ Cf. por exemplo: FERREIRA, Jorge (org). 2001. O populismo e sua história – debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Nothing, segundo Desmond (2002), enfatiza a retórica de purificação, pregando uma América livre da influência dos católicos em geral e em particular contra os imigrantes irlandeses. Na mesma linha com foco nos estados sulistas, as diferentes ondas do KKK – cujo marco inicial é 1860 – é uma referência populista central.

A ênfase retórica de Trump em “construir o Muro” e, indiretamente de expulsar pessoas (imigrantes, ilegais, refugiados, mexicanos ou criminosos) lembra casos históricos de movimentos nativistas como classificava Richard J. Hofstadter (1960) nos quais movimentos populares, geralmente organizados em pequenas cidades rurais, mobilizavam - se politicamente, mas expressando - se sobretudo pela violência. Um KKK seria um exemplo e outro caso exemplar foi o movimento que tentou expulsar imigrantes chineses de cidades americanas, conhecido como *Anti-Chinese Crusade*, cujo auge ocorreu em 1880. Em 1930, em meio à crise financeira, e grande instabilidade social, a figura do padre católico Charles Coughlin, que em seus programas de rádio atingia milhões

de pessoas, tinha forte retórica populista com influência de ideias antissemitas⁸². Nos anos de 1950, a John Birch Society (JBS) que denunciava a infiltração comunista no governo americano e entendia que o crescimento do Estado levaria uma tirania nos EUA, foi extremamente popular, em seu auge, em 1960, como nos mostra Mulloy (2014), passou de cem mil membros. Trump surge em meio a outra crise, a financeira de 2008 e a crise militar (Iraque, Afeganistão, Síria, Iêmen, Líbia), não é radialista mas apresentador de *Reality Show*, o alvo não são os chineses mas talvez a China, a retórica não é exatamente antissemita é uma mescla de misoginia, racismo, islamofobia, teóricas conspiratórias e associação dos latinos a crimes violentos, estupros, preguiça, e em síntese, o fim do sonho americano.

Trump surge como uma caricatura de líder do povo que promete soluções meramente confiando em si mesmo e com uma retórica que manipula anseios, medos e desejos de uma população de classe média, branca que já votou em candidatos progressista, moderados,

⁸² Cf. Baldwin (2013).

conservadores e até mesmo Obama, o primeiro presidente declaradamente negro dos EUA, mas que segue, contudo, desiludida. Neste ponto é interesse notar a discussão de Larry Diamond, Marc F. Plattner e Christopher Walker (2016) que coordenaram uma extensa pesquisa comparando regimes autoritários como Venezuela, Rússia, Irã e Arábia Saudita e agora se veem no desafio de entender Trump frente a este fenômeno de recrudescimento dos regimes autoritários. Seria Trump parte deste fenômeno mundial? Ao apostar num candidato populista o debate cresce junto com as incertezas.

Diante do século XXI muitos estrategistas tanto da economia, da política como do campo de estudos estratégicos ligados a segurança se perguntam se Trump não seria a inflexão que colocaria o poder americano em rota de declínio. Donald Trump poderia ser explicado com auxílio do debate de Jean Baudrillard (2014) como um fruto da sociedade de consumo; portanto fruto de uma transformação social mais enraizada. Vivendo em suas mansões e coberturas em prédios com seu nome, Trump é também um símbolo

do estágio do capitalismo atual, que busca ao mesmo tempo a diferenciação e a distinção seja através do consumo de luxo seja na busca por status. Trump é um *baby boomer* mas poderia tranquilamente ser um *millennials*, como bem lembra Andrew Ferguson⁸³, Trump sempre trouxe a imagem que mescla elementos típicos de uma elite, que estudo nas melhores escolas, mora nos melhores lugares com elementos de uma “baixa classe média”, que sempre frequentou as páginas dos Tabloides, que tem uma linguagem vulgar, dado a escândalos e que se achou como “celebridade de reality show” e gosto pela exposição e obsessão pelo seu “nome” e por sua imagem.

Para Ferguson (2016) esta dualidade “elite vs. baixa classe média” fez de Trump o interlocutor ideal de um sentimento mais amplo de rejeição a Hillary Clinton e de esgotamento com o politicamente correto e multiculturalismo da era Obama. Contudo, para outros autores como Galtung (2009), a transformação social e a ascensão de um líder “reality show” reforçam o

⁸³ Cf. entrevista no Hoover Institution em < <http://www.hoover.org/research/donald-trump-and-conservative-intellectuals> > Acessado em 15/12/2016.

risco do autoritarismo e consequentemente crise da democracia nos EUA. Se Trump compromete a democracia americana, os riscos de acelerar o declínio do modelo americano, já apontados como de fácil instabilidade por autores clássicos como Tocqueville são concretos. A democracia americana resistirá a Donald Trump?

Trump pode ser visto mais como um comunicador do que como um político. Sua forma de se comunicar com um grande público certamente é algo a destacar e que nos ajuda a entender sua ascensão. Uma linguagem que soa mais direta e próxima da coloquial fez de Trump um candidato identificado como um inimigo aberto e declarado do “Politicamente Correto”. Como argumenta Robert Hughes (1993) o discurso político nos EUA desde dos anos 70 é visto como distante e indiferente a realidade da maioria dos americanos. Esta falta de sintonia entre o discurso da classe política e os anseios e aspirações do grande eleitorado criou tanto entre os democratas, e candidatos aliados a temas considerados de esquerda assim como entre os candidatos republicanos, identificados como

conservadores a sensação de que os políticos eram cínicos no sentido de ou não acreditarem exatamente no que diziam no sentido que não entregavam quando eleito aquilo que prometiam nas campanhas.

3. O embate ideológico nos EUA

No debate intelectual, Jon A. Shields e Joshua M. Dunn (2016) mostram que o politicamente correto na ânsia de educar, corrigir e moldar o debate acaba criando ideias e discursos inofensivos e o que fica de concreto não é a importância (e consequências) das ideias, mas o fim de policiar o discurso e punir certas ideias e manifestações. Segundo Shields e Dunn (2016), o protecionismo tático promovido pelo politicamente correto alimenta um pensamento patológico que por sua vez só piora um quadro já disseminado de ansiedade e depressão entre os jovens universitários e cria e alimenta “grupos” nos quais é mais fácil ser excluído do que incluído. Como sintetiza Beres (2015)⁸⁴, acreditar que censurar algo ou simplesmente não

⁸⁴ Cf. texto em <

<http://www.revistas.usp.br/malala/issue/view/8183/showToc> > Acessado em 15/12/2016.

falar de algo irá resolver alguma coisa é como achar que basta não passar num lugar onde se foi assaltado para não ser mais assaltado.

Hughes (1993) argumenta que o politicamente correto é um sintoma da crise da esquerda da qual ela é vítima, mas também protagonista de sua manipulação. A direita e mais especificamente o conservadorismo americano, contudo não está isento. Se a esquerda manipula o Politicamente Correto a direita manipula o que Hughes classificou como Politicamente Patriótico. A ideia conservadora é tal como o politicamente correto, manipular e controlar os discursos e o debate visando um recorte patriótico, ou seja, é preciso sempre enfatizar elementos como a Constituição dos EUA, os Pais Fundadores e o orgulho da história (conservadora) dos Estados Unidos.

Trump enfatizou sua cruzada anti-Politicamente Correto, mas nem sempre se colocou como um Politicamente Patriótico. Sua capacidade de mobilizar e ao mesmo ofender multidões fez analistas como Ponnuru (2016) enxergarem na campanha de Trump a volta das teses populares dos anos de 1990 de

“Guerra Cultural” e de “Polarização Política”. A ideia destes autores é que é possível ganhar com a divisão. Nos termos de Buchanan (2012, p. 55): “se rasgarmos o país pela metade, podemos ficar com a metade maior” (Apud. Hughes (1993, p. 56)). Mas ao contrário dos anos 90 quando o recorte era religioso ou mesmo se deslumbrava uma polarização mais clara entre esquerda (liberais) / direita (conservadores), agora o recorte seria de classe ou, no limite, com forte ênfase da conjuntura econômica no qual a elite liberal, multicultural, cosmopolita, acadêmica, feminista, socialmente liberal estaria em contraponto ao “povo” ao *folk*, a classe média branca, a classe média baixa que um dia já foi operária e que hoje habita cidades fantasmas sem emprego e sem perspectiva de melhora de vida.

Este fenômeno de reação contra uma elite que Trump (2016) soube muito bem classificar como: esnobe, arrogante, cheia de segredos, contra os interesses dos trabalhadores e no poder *ad eternum* é o que aqui estamos classificamos como a ascensão nativista.

Nesta ascensão de Trump, um dos primeiros alvos foram os

“formadores de opinião” se mostrando hostil aos valores culturais da elite vigente. O fenômeno não é novo, autores como Daniel Bell, Edward Shils, Seymour Lipset e Richard Hofstadter (1966) discutem o que classificam como anti-intelectualismo na tradição política americana desde dos anos de 1950. A ideia básica é que os valores das elites e de sua voz, a elite intelectual, não traduzem os valores reais da sociedade americana. A ideia como xenofobia, racismo, misoginia, antissemitismo, islamofobia são tabus para muitos da elite cultural, muitos intelectuais agem como se o cidadão comum fosse uma criança a ser tutorada por intelectuais que lhe ensinariam o correto, muitas vezes o “politicamente correto”.

Arlie Hochschild (2016) que saiu de sua confortável universidade em Berkeley trabalhando com colegas liberais e de esquerda no Departamento de Sociologia para fazer trabalho de campo no Louisiana e Mississippi constata que, em boa medida, o sucesso de radialistas conservadores com forte viés populista como Rush Limbaugh, Glenn Beck e Sean Hannity está na proposta de falar “a linguagem do

povo” e não temer ferir o politicamente correto, isso cria a ideia de que “estão falando aquilo que as elites intelectuais não querem ouvir”. Hochschild, uma socióloga feminista, chama atenção por exemplo pela a simpatia que muitas mulheres sulistas têm por Rush Limbaugh, um dos criadores e propagadores do termo “feminazi”, a mistura de feminismo com nazismo para retratar as feministas ou mulheres como Hillary Clinton.

O escritor George Saunders (2016) que a convite de uma revista acompanhou alguns dos comícios e eventos de campanha de Donald Trump e chama a atenção também para o anti-intelectualismo. Segundo Saunders, o efeito que Trump produz em seu público é de agitar a massa, de empolgar. Trump não está ali para persuadir para argumentar, mas para se juntar a massa dentro de um movimento (em torno de si) expurgar as ansiedades, as culpas, e gritar coisas como “Construa o Muro” ou “Prenda Hillary” e “o inferno para o Estado Islâmico”.

Esta plataforma abre a possibilidade de pensarmos a tese clássica do historiador da Universidade de Columbia, Richard

Hofstadter (1964) do estilo paranoico da tradição política estadunidense. Esta tese tem sido usada desde dos anos de 1970 para explicar o conservadorismo americano e sua tomada do partido republicano a partir de Barry Goldwater (1963). A mistura de teorias conspiratórias⁸⁵, anti - intelectualismo e desilusão (com o establishment e sobretudo com as elites culturais e econômicas) para explicar a radicalização da direita ganha nova proporção com Trump.

A tese do estilo paranoico poderia ser usada para explicar o conservadorismo de George W. Bush⁸⁶ ou mesmo para explicar movimentos como o Tea Party⁸⁷ de 2009/10 ou mesmo a própria candidatura do adversário de Trump, Ted Cruz, mas ganha nova relevância no caso de Trump. Na discussão de Richard Hofstadter (1964) o estilo paranoico está diretamente ligado a uma tradição anti-intelectual. Quase cinquenta anos depois, o sociólogo

húngaro, Frank Furedi argumenta que, assim como o conceito de anti-intelectualismo, a ideia de populismo, foi usado de tal forma que ele hoje serve mais para a defesa dos críticos – intelectuais anti - populistas – do que como chave explicativa para de fato entender um fenômeno social, cultural e político. A tese de Hofstadter (1964) ainda tem relevância diante de Trump?

O analista da The Weekly Standard, Mat Continetti lembra que no conservadorismo americano a historicamente uma briga entre duas teses que apontam para duas possíveis estratégias políticas. Uma seria tese do conservadorismo como um movimento intelectual, mas que ganha poder em oposição e ocupando o espaço dos intelectuais de esquerda. Esta seria a tese defendida por movimentos intelectuais como o de William F. Buckley Jr. nos anos de 1950 ou mais recentemente dos neoconservadores em torno de Irving Kristol ou mesmo a lógica de Think Thanks como o American Enterprise Institute e Cato Institute. Em contrapartida, haveria um movimento conservador que aposta na estratégia de criar um movimento de base que chega ao poder “de baixo para cima”.

⁸⁵ No caso de Trump, na campanha até final de maio de 2016, o site Alternet <<http://www.alternet.org/right-wing/58-donald-trump-conspiracy-theories-and-counting-definitive-trump-conspiracy-guide>> já tinha contabilizado 58 teorias conspiratórias em falas, discursos ou declarações do candidato Donald Trump.

⁸⁶ Cf. Finguerut (2014).

⁸⁷ Cf. Debate de Theda Skocpol e Vanessa Williamson (2013)

E a estratégia defendida por exemplo por Phyllis Schlafly nos anos de 1960 ou como argumenta Continetti (2009), por Sarah Palin entre 2007 e 2010 e agora com Donald Trump.

Nossa escolha é pela tese do populismo/nativismo com certa ressonância com as teses de Hofstadter (1964), argumentamos que Trump não é conservador, mas sim, um populista/nativista. Tal escolha teórica pode soar como alarmismo. Alertar para a ascensão do populismo nos EUA pode ter o significado de, depois de “gritar lobo” tantas vezes, agora que de fato podemos estar de fato avistando um “lobo”, os intelectuais – como bem lembra o próprio “lobo”, Trump⁸⁸ avisou – parecem que estão desacreditados.

O populismo de Trump pode ser estudado a partir de uma tipologia que desenvolvemos que cria três tipos de tradições populistas na história das ideias políticas nos EUA. Há o populismo progressista, produtivista e o nacionalista. O primeiro tem foco nos temas sociais, o segundo na gestão e o terceiro busca soluções e atalhos econômicos

para solucionar (rapidamente) problemas estruturais.

Trump rapidamente tornou-se um candidato populista ao se apresentar como líder de si mesmo e capaz de ser a reação desejada pela nação contra esta ideia de elite, contra o pluralismo, contra o multiculturalismo, contra o politicamente correto. Todavia, ao contrário de outros movimentos similares que discutiremos ainda neste artigo, Trump ao apelar para seu status de celebridade, de *godfather*, de “empresário bem sucedido”, de autor de best sellers, acomoda seu eleitorado numa posição passiva, como dizendo “pode confiar em mim, eu sou a solução, e você me conhece já me viu na televisão” basta votar em mim que pronto, a “América será Grande Novamente”.

O populismo tem forte história também ligada à tradição de esquerda nos EUA. William Jennings Bryan é amplamente estudado, tanto por historiadores progressistas até Karl Rove (2016). Bryan era do Nebraska e ganhou a convenção democrata três vezes. Sua principal eleição foi a de 1896 quando perdeu para William McKinley. Bryan tinha

⁸⁸ Cf. artigo de Donald Trump sobre a derrota dos “comentaristas políticos”, intelectuais e “especialistas” em <<http://www.wsj.com/articles/let-me-ask-america-a-question-1460675882>> Acessado em 15/12/2016.

um forte retórica anti - elite, defendia reformas sociais inspirados principalmente na atuação de grupos religiosos num contexto no qual os EUA recebiam muitos imigrantes e a diversidade religiosa ganhava força. Apesar do impulso “povo” contra “elites” ou a “America Rural” contra as “Grandes Cidades”, Rove (2016) lembra que o slogan da campanha de McKinley era de forte viés populista também: “The People Against the Bosses”.

Eugene v. Debs, de Indiana estava preso por participar de uma greve e de um boicote contra a empresa Ferroviária de Chicago e não pode votar em Bryan. Mas torna-se socialista e funda em 1897 o Social Democratic Party que depois torna-se o *Socialist Party of America* pelo qual foi candidato a presente em 1900, 04,08⁸⁹, 12 e em 1920 quando atingiu a marca de 1 milhão de votos, mesmo terminando preso novamente, desta vez em Atlanta. Debs era recorrentemente acusado de ser espião, mas acabou solto com perdão presidencial em 1921.

O sentimento que as elites levam a nação a Guerra foi um dos

pontos centrais do movimento mobilizado por Norman Thomas, fundador do *American Civil Liberties Union*⁹⁰ e no final dos anos de 1920 um dos líderes do Partido Socialista nos EUA. Thomas conquistou perto de um milhão de votos na eleição de 1932, concorrendo como socialista. Thomas argumentava que os EUA não deveriam entrar na I Guerra Mundial.

Robert M. La Follette de Wisconsin, era senador em 1906 e coloca-se contra os banqueiros e propunha uma “frente progressista” para defender o povo contra as elites. Em 1924, La Follette teve cinco milhões de votos concorrendo à presidência pelo Partido Progressista.

Nos anos 30, o senador democrata pelo estado do Luisiana, Huey Long, longe de ser socialista, defendia o “homem comum” contra os grandes interesses, contra os poderosos. Em 1936 no seu famoso discurso “Every man a King”⁹¹ Long defendia ideias como a redistribuição da riqueza, o confisco de heranças e o limite/teto para fortunas. Huey Long

⁸⁹ Vale lembrar que em 1910, Theodore Roosevelt buscando um terceiro mandato criou o Partido Progressista.

⁹⁰ Até hoje é um dos articuladores mais importantes da esquerda nos EUA. Cf. em <<https://www.aclu.org/>> Acessado em 15/12/2016.

⁹¹ Cf. Integrado do discurso em <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/hueyplongking.htm>> Acessado em 16/12/2016.

nos dias de hoje seria uma mistura quase 50/50 entre Bernie Sanders com Donald Trump.

Nos anos de 1940 surge a *America First Committee* (AFC). O ponto central era evitar que os EUA intervissem na II Guerra Mundial. A AFC chegou a ter 800 mil filiados tanto com simpatizantes de movimentos socialistas como os ligados a Debs e Thomas como mais a direita como os simpatizantes do sacerdote católico Thomas J. Coughlin. A AFC perdeu força depois do ataque de Pearl Harbor em dezembro de 1941.

Nas últimas décadas figuras como Ralph Nader, Ron Paul e mesmo Bernie Sanders e Elizabeth Warren dialogam com esta tradição. Muitas vezes enfatizando que o fracasso do sonho americano é no fundo o fracasso dos sonhos da classe trabalhadora estadunidense.

De certa forma a ideia de síntese entre pacifismo/ não intervencionismo, progresso social e antielitismo caracterizam o populismo de esquerda nos EUA, embora ele não seja exclusivo de partidos minoritários como os socialistas. Ele esteve com força entre

democratas e mesmo entre republicanos.

Interessante notar que Trump se apropriou da ideia de *America First*, embora definitivamente não seja pacifista, mas oscila entre argumentos de ênfase igualitária com argumentos autoritários. Trump fala à classe trabalhadora, sua base que o elegeu não exatamente conservadora, mas credora do meio oeste americano, o conhecido “rust belt”, região formada por estados como Michigan, Ohio, Pensilvânia, Indiana e parte de Illinois e Virginia Ocidental. Todos estes estados historicamente são da base democrata, são estados historicamente ligados a industrialização a indústria automobilística e aos mineiros e a indústria química. Para este eleitorado a retórica de Trump flerta com a ideia de justiça social e abusa de metáforas para explicar distorção no poder econômico. Basicamente Trump argumenta que a culpa é de “establishment”, de uma elite e que portanto o povo, os outsiders deverem se unir na figura do Trump para assim “A América voltar a ser Grande”. É o magnata de Nova Iorque prometendo reverter a

industrialização. Antes dele, Huey Long não hesitava em prometer intervenção estatal evitando em última instância o “colapso do Sonho Americano” nos termos de Long. Trump promete colocar “*America First*” e fala com descrédito de organizações internacionais como a ONU ou considera conflitos como o da Síria um “problema dos russos”, assim como muitos populistas antes de Trump consideravam as Guerras Mundiais um “problema dos europeus”.

O próprio Trump se comparou e citou muitas vezes Bernie Sanders especialmente para conquistar eleitores democratas/ de esquerda. Tal como Bernie Sanders, a retórica de Trump poderia muito bem se encaixar nesta tradição populista de esquerda de William Jennings Bryan em 1896 até Ralph Nader e sua luta pelos consumidores contra as grandes corporações em 2000.

Outra comparação que pode parecer insólita é pensarmos como Trump “imita” e muitas vezes soa com um discurso que parece com o de Barack H. Obama em 2007/08 apesar de ser direcionado para outro público. Trump em 2016 assim como Obama em 2008 não propõe uma

revolução, ao contrário, eles querem reafirmar e até chegam a radicalizar os valores do mainstream.

Obama prometia que o sonho americano seria para todos e que era preciso resgatá-lo do conservadorismo social e do neoconservadorismo da política externa. Já Trump argumenta que o sonho americano - o mesmo de Obama - precisa ser resgatado de uma “elite” multiculturalista, politicamente correta e voltar a incluir os homens brancos, heterossexuais e a classe média de forma mais ampla. Tanto Trump como Obama foram candidatos outsiders que conseguiram em dois momentos distintos (2008 e 2016) apresentar respostas para os anseios populares.

Na política externa Trump sinaliza para uma lógica que todo acordo comercial deve ser “justo” para os EUA. Sinaliza que pretende sair ou renegociar o Nafta, especialmente na relação EUA - México, por entender que é um acordo injusto com os EUA e que favorece o México. Trump argumenta que “empregos” americanos estão indo para outros países como México e China em especial e promete como

presidente “defender” o trabalhador americano e os interesses dos EUA em “primeiro lugar”.

A ideia de um membro da elite que se volta contra seu grupo se aliando com o povo e passa a agir em nome do povo visando uma nova elite tem raízes profundas em toda história política dos Estados Unidos. É inevitável começarmos lembrando de Henry Ford. Trata-se da tipologia que classificamos o populismo produtivista.

Nos EUA do início do século XX, ideias como eugenia e progresso guiado pela intervenção estatal eram hegemônicas. Theodore Roosevelt, presidente dos EUA entre 1901 e 1909 demonstrava grande preocupação com a “evolução da sociedade” acreditando que caberia ao governo combater os males da sociedade como, por exemplo, o alcoolismo, a prostituição e o homossexualismo. Posteriormente, Woodrow Wilson, presidente dos EUA entre 1913 e 1921 acreditava que a política externa dos EUA deveria ter um caráter civilizacional no hemisfério.

Como nos mostra o trabalho de Terry (1999) o pensamento e a postura dos médicos estadunidenses

do início do século XX retratavam a vida nas grandes cidades como o espaço para a proliferação de perversões e comportamentos desviantes. O homossexualismo, por exemplo, era retratado como uma forma de desvio, de corrupção moral, como uma forma de degeneração, como um comportamento não civilizado e, portanto, como um mal a ser combatido. O combate viria pela lei, tornando o homossexualismo um crime. Os homossexuais eram desviantes, degenerados e sobretudo pervertidos por fugirem da lei moral e biológica básica que pressupunha ser natural apenas atração sexual entre homens e mulheres (e vice-versa) sendo as mulheres dependentes dos homens.

Neste contexto o êxito industrial de Henry Ford o levou a se interessar também por medicina, política e sociologia. Com fortuna que o colocava na época como o homem mais rico do mundo, Ford passou a investir em campanhas informativas e em projetos políticos.

Em 1919, Henry Ford era o editor do jornal *Dearborn Independent* que, segundo Baldwin (2013), era uma publicação de imensa penetração e que divulgava ideias

antisemitas, defendendo o controle da entrada de imigrantes nos EUA tendo inclusive sido um dos responsáveis pela divulgação dos *Protocolos dos Sábios de Sião* nos EUA. Em 1920 Ford financiou a publicação de meio milhão de cópias em quatro volumes de alguns destes textos numa série intitulada *The International Jew*.

Ford, ao longo dos anos de 1930 – quando os EUA mergulharam na Grande Depressão com desemprego alto nas indústrias de manufatura – estreitou relações com a Alemanha Nazista chegando a ser condecorado pelo regime nazista em 1938⁹². Ford estava convencido da degeneração da sociedade americana e do *inimigo judeu* e apostava que com sua fortuna e influência poderia mudar os rumos dos EUA. Para Ford todos os problemas sociais passavam pelo “problema judeu”. As Greves nas fábricas eram organizadas por judeus, as crises financeiras eram manipuladas por banqueiros judeus etc. Ford, segundo a historiadora Hasia Diner (2012), era um ótimo orador e cogitava lançar-se a

presidência dos EUA em 1920. A situação mudou com o envolvimento dos EUA na II Guerra Mundial.

No auge da Guerra Fria entre os anos de 1940 1950, o senador Joseph R. McCarthy – não exatamente um homem de negócios – apresentava-se como um populista produtivista argumentando que os EUA precisavam combater a subversão, entendida como americanos que estavam a serviço ou que simpatizavam com as ideias comunistas ou com a União Soviética (URSS). Atuando como senador, à frente da temida *the Republican-led House Un-American Activities Committee*, e no seu segundo mandato a frente do *Committee on Government Operation*, McCarthy entrevistou e interrogou cerca de duas mil pessoas buscando encontrar e demonstrar que comunistas e/ou espiões da URSS estavam infiltrados no governo dos EUA. Manipulando o sentimento de que o governo é sinônimo de uma elite que não pode ser confiada, movimentos populares como o KKK e a John Birch Society (JBS) cresceram e o sentimento de desconfiança em torno do status quo da Guerra Fria se estendeu para a

⁹² Trata-se do prêmio da Grande Cruz da Águia Alemã. Segundo Hasia Diner (2012), Henry Ford era uma referência pessoal para Adolf Hitler e sua empresa a Ford seria uma referência para a alemã Volkswagen.

Indústria Cultural⁹³ e para Organizações Políticas Internacionais como as Nações Unidas, que desde sua fundação em 1945 é alvo de uma campanha difamatória alegando se tratar de um exemplo de cosmopolitismo ou de postura pró – URSS que feriria os interesses vitais dos EUA. Ao mesmo tempo em que a censura e “medo vermelho” crescia, uma postura “corretiva” / educativa era defendida e incentivado por grupos de bairros ou de “senhoras⁹⁴” que se sentiam ofendidas pela ideia de pornografia nos filmes ou de propaganda comunista no cinema.

Segundo Ellen Schrecker (2001), historiadora da era McCarthista, o declínio de Joseph McCarthy foi rápido – como ocorrem com os populistas – e em boa medida é fruto de sua grande exposição. Conforme seus interrogatórios passaram a ser televisionados em 1954, sua credibilidade e apoio popular declinaram. Ao tentar confrontar o exercício americano, McCarthy foi acusado de no passado

tentar ter vantagens nas forças armadas além de ser acusado de agir de forma vergonhosa e vexatória em rede nacional. Segundo Schrecker (2001), McCarthy não suportou a “vergonha” tal como submetia a muitos de seus investigados e acabou falecendo aos 48 anos, em 1957.

Na política mais contemporânea – considerando os últimos 50 anos – o movimento populista/nativista nos EUA segue forte. Nos anos de 1990 a formação do chamado Movimento Patriótico que mescla um discurso nacionalista (antiglobalização) com elementos variados de xenofobia, racismo e antissemitismo. Um marco desse movimento como nos mostra Lyons e Berlet (2000), ocorreu em 1995, quando 167 pessoas foram mortas e 650 feridas num atentado terrorismo em Oklahoma City. Segundo Lyons e Berlet (2000), o ataque de Oklahoma City se insere numa rede de movimentos de linhagem populista entre eles o movimento de milícias, o movimento de patriotas, o movimento religioso racista, *Christian Identity*, além do recrudescimento de movimentos neonazistas e segregacionistas.

⁹³ O Código Hays era uma forma de censurar e controlar a produção cultural. Vigorou entre 1934 e 1966. Cf. mais em <<http://www.artsreformation.com/a001/hays-code.html>> Acessado em 16/12/2016.

⁹⁴ O partido republicano tinha por todo país os *Country Women's Republican Club*. Cf. Critchlow (2005).

Em comum esses movimentos falavam pela perspectiva da projeção de um “povo” ou do “indivíduo” oprimido e manipulado por uma elite (liberal, socialista, judaica etc.) e que seria tempo de reagir, seja via milícias, seja denunciando essa elite (com autores que “denunciam as grandes conspirações⁹⁵” e as “elites globais”) ou lutando eleitoralmente, participando da política partidária e concorrendo a cargos públicos. Na luta partidária Trump poderia ser o herdeiro de movimento populista – patriótico dos anos 1990, cujo marco político inicial seria Patrick J. Buchanan (2012), como voz neoisolacionista no contexto de auge da retórica “nova ordem mundial” tanto dos governos de George H. W. Bush como de Bill Clinton (1993-2001). Como nos mostra Souza (2014), Buchanan como pré-candidato nas primárias de 1992, propunha limitar a imigração de negros, latinos e asiáticos, sintetizada a divisão social dos EUA em termos de Guerra Cultural. No mesmo ano, Ross Perot foi candidato independente conquistando quase 20 milhões de votos com uma retórica

patriótica (anti-globalização), um discurso anti-sindical enfatizando o indivíduo e se apresentando como um “Chefe Leal”, alguém que poderia se voltar contra sua própria classe para defender os trabalhadores e que poderia falar pelo povo.

Tanto Buchanan – um outsider que desafiou a reeleição de Bush nas primárias republicanas – como Ross Perot que de fato impediu sua vitória demonstram uma base eleitoral formada para um discurso populista que reforça o estilo paranoico (Hofstadter, 1964) e que reverbera um discurso anti-elite, com bode expiatório claro e que infla o sentimento patriótico e nacionalista. E a possibilidade de termos novamente um Clinton e um Bush na disputa reforça o clima de volta aos anos 90 e Donald Trump parece transitar por essa linhagem populista.

A começar que seu principal mote campanha é um plano anti-imigrantes⁹⁶. Para Trump há um claro perfil na migração que vem do México para os Estados Unidos, trata-se de criminosos que viriam para o lado dos EUA incentivado pelo

⁹⁵ Cf. por exemplo: Skousen, W. Cleon. *The Naked Communist*. Ed. Createspace, 2013.

⁹⁶ Cf. Proposta detalhada em <<https://www.donaldjtrump.com/positions/immigration-reform>> Acessado em 13/10/2015.

governo mexicano. Trump também pretende expatriar imigrantes ilegais que forem presos ou que já foram presos e estão foragidos e quem for pego tentando entrar nos EUA ficara preso e somente sairá para voltar ao seu país de origem. Por fim, Trump pretende acabar com a nacionalidade por nascimento⁹⁷ e quer uma lei nacional para garantir prioridade para contratar trabalhadores com nacionalidade estadunidense⁹⁸.

Em certo sentido, Trump retoma o discurso antiglobalização de Buchanan, é nativista ao escolher os imigrantes mexicanos como bode expiatório (alega que são criminosos e oportunistas) e se aproxima de outros populistas históricos como o movimento *Know Nothing* (de 1850) ao projetar nos imigrantes as causas dos problemas sociais nos EUA. Interessante também o paralelo entre Donald Trump e Ross Perot. Ambos se apresentam como “empresários” bem-sucedidos e técnicas “revolucionárias” de negociações e de administração. Perot usava seu livro

United We Stand: How We Can Take Back Our Country como “cartão de visita”, já Trump faz o mesmo com seu *Trump: The Art of the Deal* e de certa forma ambos fazem referência a Henry Ford que não chegou a pleitear a Casa Branca, mas como nos mostra Baldwin (2013), usou de sua fortuna e influencia para divulgar suas ideias – no caso antissemitas – e também imagina que poderia mudar a política americana a partir de um livro, no caso o *The International Jew - The World's Foremost Problem*, publicado em grande escala a partir de 1920.

Trump também tem tentado mostra-se “defensor do mais fraco” contra as elites ou mesmo tenta se colocar como uma porta voz do povo contra as elites. Em entrevista ao programa *Meet The Press* da NBC em 04/10/2015 Trump diz ter armas e sim, às vezes anda armado e que não acredita na solução de proibir armas de fogo. Para o candidato, proibir o acesso às armas não soluciona nem evita problema como de massacres provocados por atirados ao contrário, para Trump estando armado poderia se evitar massacres. A discussão sobre a 2ª emenda, que garante o direito e ter e portar armas de fogo é ponto central dentro do chamado

⁹⁷ Regra que da nacionalidade estadunidense a quem nascer nos EUA, independentemente de os pais terem ou não nacionalidade plena.

⁹⁸ Trump chama a proposta de *hire American workers first*. Cf. *em* <https://www.donaldjtrump.com/positions/immigration-reform>

Movimento Patriótico. Portanto nesse ponto, Trump está dialogando diretamente com esses movimentos que acreditam haver uma conspiração em jogo para proibir e desarmar os cidadãos.

É interessante notar que na formação do gabinete ainda em 2016, Donald Trump direciona suas escolhas para os “mais ricos e mais poderosos” priorizando CEOs e Generais no primeiro escalão. Segundo reportagem de Claudia Trevisan (2016) o gabinete de Trump será o mais rico da história dos EUA. Segundo a reportagem (2016) somado o primeiro escalão de Trump chega-se a uma fortuna na ordem de seis bilhões de dólares.

E na política externa interessante notar que Trump sinaliza para um comandante-chefe que manterá sempre todas as possibilidades abertas. Conforme a lógica da Rússia de Vladimir Putin, cercado de segredos, de reuniões secretas e como bem sintetizou o especialista Peter Pomerantsev, tal como na Rússia de Putin, nos EUA de Trump: Nada é Verdadeiro e Tudo é Possível⁹⁹.

A retórica de Trump como candidato não o coloca como um conservador. Trump não discute o Estado, seu tamanho, seu caráter e seu papel. Não se mostra preocupado com temas como “o futuro da liberdade” e não fala em termos de “virtude” ou “moral” como faria um candidato conservador seja de um espectro que pode ir do conservadorismo de Russell Kirk com ênfase na tradição e no papel da religião ou de Murray Rothbard com ênfase na liberdade e no livre capitalismo. Neste ponto a única aproximação de Trump ao conservadorismo pensando de forma mais amplo como um direcionamento político para o Estado americano é através de sua retórica populista nacionalista.

Uma agenda conservadora clara para um candidato republicano, seja tendo como referência Ronald Reagan ou outros mais centristas como Nixon ou George W. Bush teria que se sustenta no tripé: cortes de imposto; uma visão conservadora dos temas sociais e ênfase no liberalismo econômico. Tem sido assim nos últimos quarenta e oito anos. A

⁹⁹ No original: Nothing Is True and Everything Is Possible. Discussão em <

<https://www.youtube.com/watch?v=5Au332OG-M4> > Acessado em 15/12/2016.

começar por Barry Goldwater em 1964 até Mitt Romney em 2012. Trump organizou sua plataforma no tripé: nacionalismo econômico; controle das fronteiras e uma política externa entre o nacionalismo e o isolacionismo. A candidatura de Trump, contudo se carece de lastro conservador não carece de lastro político no sentido de ter o apoio de um movimento político. E este movimento político é melhor definido como populista. Trata-se de um movimento político na medida que mobiliza pessoas, movimenta ideias e questiona um determinado status quo. É um movimento de poder e que almeja o poder.

O movimento de Trump tem como alvo não exatamente o capitalismo como muitos movimentos do século XIX. Como argumenta Timothy Shenk (2016) seu foco é mais gerencial, pois ele se coloca como um gestor, um homem de negócio, um *manager* seu alvo está não no sistema como um todo, mas na gestão. Seu argumento é que há algo de errado, de ilícito de viciado nas elites vigentes - o que nos de 1950 o sociólogo Charles Wright Mills chamaria de *power elite* - e portanto sua ascensão ao poder colocaria em

cheque esta elite que não é só associada aos “Clinton’s” mas também inclui vários establishments como as elites que controlam o Partido Republicano, as elites políticas que controlam o Congresso e as elites intelectuais (tanto conservadores como liberais) nas mídia e nas Universidades.

Pat Buchanan, que trabalhou com Nixon e Reagan, e entrou para a política nos anos de 1990 apresentou em sua plataforma de pré-candidato nas primárias do Partido Republicano algumas ideias que hoje voltaram com força com Trump. Buchanan foi o principal antagonista de George H.W. Bush nas primárias de 1992 e conquistou na época 3 milhões de votos. Buchanan propunha uma aliança contra as elites visando proteger a classe média e em sentido mais amplo “colocar os EUA em primeiro lugar”. Sua plataforma de 1996 quando foi pré-candidato novamente pelo partido Republicano enfrentando desta vez o senador Bob Dole tinha como base a ideia de “America First”, ênfase numa política econômica protecionista e uma retórica anti-imigrantes. Buchanan (2005) argumentava que com o aumento dos imigrantes os brancos

deixaram de ser “maioria” e acabaria pagando as contas de todos os outros sejam de outras religiões, seja de outras raças ou de outros países.

Neste ponto a crítica que Buchanan (2012) faz ao estado de bem-estar social pode tangenciar a crítica que os conservadores também historicamente fazem contudo o recorte e a ênfase na identidade / raça branca o aproxima mais da velha direita sulista com ênfase na supremacia racial do que por exemplo na crítica que nos neoconservadores fazem do Estado de Bem-estar Social. Trump surge neste ponto apontando uma crise na elite americana e flerta com a crise de identidade do homem branco, protestante, nascido nos EUA e de classe média.

Trump se aproxima de Buchanan ao enfatizar o sentimento de anti-esperança. Trata-se de uma ideia que manipula o medo frente a mudanças, seja mudanças culturais (como da contracultura dos anos de 1960), mudanças políticas (como o fim da Guerra Fria), mudanças sociais (como o multiculturalismo) ou mudanças demográficas (como a ascensão dos *millennials*). Todas estas mudanças podem ser

resumidas na ideia do colapso do Sonho Americano. Este colapso seria culpa das elites, do *mainstream* intelectual, político, cultural, burocrático, político e econômico. O problema com estas elites dentro do movimento populista de Trump seria de gestão, faltaria aos EUA um boss, um *godfather* como ele próprio que se diz capaz de discernir o bem do mal, o “nós” (estadunidenses) “deles” (outros) e que ,sem descanso iria trabalhar para os americanos (brancos de classe média) expelindo dos EUA os parasitas, preguiçosos, incompetentes, anti-patriotas todos aqueles seja da elite ou não que são viciados, trapaceiros e não confiáveis.

Ao fazer o diagnóstico que “as coisas vão mal” – e Trump usou na campanha vários adjetivos e sinônimos para deixar esta ideia bem clara -o passo seguinte foi mostrar empatia às vítimas, aqueles que sofreram nas mãos e com a manipulação dos mais poderosos e da elite corrupta. Neste ponto é interessante retomarmos as ideias de Pat Buchanan (2005) pois ele faz exatamente o mesmo movimento. Apenas nomeia a elite que o Trump apenas qualifica (suja, corrupta, trapaceira etc.). Para Buchanan a

elite que causa o sentimento de anti-esperança tem nome, religião e clareza ideológica. São os neoconservadores, um grupo relativamente pequeno de intelectuais, judeus que defendem uma política externa intervencionista em nome da democracia. Em síntese os neoconservadores seriam imperialistas democráticos. Em nome da democracia os neoconservadores, a elite no poder nos anos George W. Bush colocou os EUA numa cruzada pautada por intervenções, guerras e alianças infundadas. Buchanan (2002) enfatiza que a aliança entre EUA e Israel colocaria o poder americano a serviço da hegemonia de outra nação, uma nação que estaria a serviço do declínio dos EUA.

Trump por seu lado ainda não deixou claro se pretende ser de fato isolacionista, mas, é tão crítico aos neoconservadores quando Buchanan (2002). Em boa medida seu êxito popular está em conseguir ser crítico tanto do legado de George W. Bush como de Barack H. Obama. Trump com sua forma peculiar de se comunicar consegue traduzir a seu público seu questionamento quanto aos valores da elite. Trump não teve apoio dos neoconservadores – com

exceções como John R. Bolton – e se diz um opositor da Guerra do Iraque – mesmo sendo possível sem esforço encontrar declarações no contexto do 11/09/01 no qual ele apoiava a guerra. Trump aproximou-se de movimentos anti-intelectuais – que ganharam a classificação de *alt-right*, a direita alternativa em tradução literal.

A *alt-right* / Direita Alternativa critica o internacionalismo democrático dos anos Bush e, muitas vezes, é abertamente antissemita flertando com posturas isolacionistas. Assim como é abertamente crítica do multiculturalismo da era Obama e defende posições abertamente a favor do privilégio ou mesmo de uma suposta supremacia racial branca. A ideia *alt right* remete tanto a uma “alternativa” ao conservadorismo *mainstream* como também a ideia de uma substituição. Trump se encaixa perfeitamente como *alt right*, pois ele critica o mainstream conservador e se apresenta como uma solução e, portanto, estaria pronto para substituí-la. Trump é *alt right* ao questionar os formadores de opinião, os especialistas que desfilam pela grande mídia. Ele questiona a própria ideia de Opinião Pública, um conceito

acadêmico, caro a intelectuais como Walter Lippmann que nos anos de 1920 propunha ferramentas para entender as ideias e percepções de uma sociedade em grande transformação como os EUA. Trump parece seguir o ditado de Wall Street: “Compre os rumores para vender as notícias¹⁰⁰”.

Neste ponto é interessante a ideia de Trump como um articulador da Direita Alternativa, uma espécie de movimento político que emerge das profundezas da internet e que se propõe a destruir a esquerda americana e ser como um conservadorismo em cruzada contra o politicamente correto.

Trump não deixa de filiar-se a Direita Alternativa ao se apresentar como alternativa ao establishment político – tanto liberal como conservador – e ao se colocar ao lado do povo e falar em nome do povo contra os intelectuais que os querem interpretar, diagnosticar e orientar. Trump questiona os valores e as ideias da elite de uma perspectiva anti-intelectual e mostra que a Opinião Pública e o gosto popular podem ser diferentes do que projetam

ou desejam os intelectuais do establishment.

Trump não se declara racista nem defende abertamente a supremacia racial branca, mas um dos seus assessores políticos mais próximos, Steve Bannon, foi editor do portal de notícias Breitbart News e também outros tantos abertamente defensores da supremacia racial branca (dentre eles o histórico Ku Klux Klan) apoiaram abertamente Trump sem qualquer desaprovação ou tentativa de distanciamento por parte da candidatura republicana.

Neste ponto Trump demonstra como a demagogia funciona na manipulação de seu nativismo. Como nos mostram Berlet e Lyons (2000) o populismo pode ser tanto igualitário como totalitário. Inclusivo ou Exclusivo. Pode projetar o futuro ou fazer um revisionismo histórico. A retórica antiesperança pode ser apocalíptica (a extinção dos brancos nos EUA, a islamização da América etc.) pode demonizar seus adversários (como Jeb Bush, Ted Cruz, Paul Ryan ou sobretudo, Hillary Clinton). A demagogia tem sua lógica quando opera através de teorias conspiratórias e em cada cenário, cada narrativa tem seus diferentes

¹⁰⁰ No original: “Buy the rumors. Sell the news.”

“bodes expiatórios”. Neste processo a poucas a se confiar por isso no populismo à figura do líder carismático e de certa forma fraternal (carinhoso e afetuoso) tem um papel fundamental.

O líder populista é aquele que irá resolver (sozinho) e é o unido em meio a uma elite corrupta e uma classe intelectual viciada a qual o povo pode projetar e dar seu apoio e confiança incondicional. Em troca o líder promete derrotar e mudar a elite e dar e ser a voz do povo e governando em simbiose com o povo. Neste ponto a postura “agressiva”, que não teme o confronto, politicamente incorreta, que tal como o povo, usa linguagem chula, às vezes é machista, misógino ou mesmo racista e antissemita ou islamofóbico reforça esta tentativa de elo direto com uma ideia de “povo” e de um movimento político antielitista e anti-intelectual. Nos termos de Strauss:

Numa democracia a o respeito ao estado de direito, a constituição e se tenta estabelecer um balanço entre as classes sociais e os grupos de pressão popular. O populismo é ambíguo. Ele promove o povo e denuncia a elite, contudo neste processo, o populismo pouco se importa com as leis e foca nos resultados. (STRAUSS, 2016, sem paginação)

Trump desta forma revela-se uma mistura de George Wallace, ex-governador do Alabama e candidato pró-segregação racial em 1968 quando obteve quase 10 milhões de votos - com Barack Obama - primeiro presidente negro dos EUA que em 2008 conquistou 96% dos votos dos eleitores negros. Trump se parece com Wallace como o candidato da anti-esperança que fala dos sonhos perdidos, de uma era de ouro irrecuperável. Ao mesmo tempo, apresenta-se como o candidato da mudança, contudo uma mudança dentro o *establishment* ou em outras palavras, de um *establishment* por outro. Como Wallace em relação aos brancos sulistas, Trump fala aos homens brancos e heterossexuais de classe média com uma retórica exclusivista enfatizando que eles perderam status, poder e privilégios. E como Obama, Trump fala a este mesmo eleitorado masculino, branco e de classe média lembrando-o do sonho americano, com promessas e nostalgia permeadas por soluções rápidas - como erguer um muro na fronteira com o México - para suas aflições econômicas, sociais e políticas. Para muitos conservadores a promessa da reforma no Plano de

Saúde (conhecido como Obamacare) soava tão absurda e anti americana quanto a ideia de Trump de murar a fronteira com o México.

Trump propôs uma resposta à pelo menos quatro temores/medos distintos: o medo dos imigrantes (latinos) e refugiados (muçulmanos); o medo da desigualdade (principalmente com a perda do poder aquisitivo e do status); o medo da corrupção sistêmica (os liberais e em especial os Clinton a tanto tempo no poder estariam envolvidos numa rede profunda de corrupção) e o medo da crise financeira (que poderia derrubar os EUA e enriquecer países como a China, Israel ou Arábia Saudita).

Estes medos podem ser sintetizados na tese da antiglobalização e na manipulação que o movimento nativista de Trump faz das frustrações de seu eleitorado. A estratégia política de Trump para ser efetivo como mensageiro da anti-esperança e ser claro na mensagem antiglobalização precisou transitar como candidato entre momentos de arrogância (mostrando-se disposto a assumir posturas autoritárias), foi misógino, antiliberal, xenófobo além de dar voz e disseminar falsas

notícias, mentiras, teorias conspiratórias além de *memes* e piadas de cunho racista, antissemita e islamofóbico.

Como nos mostra Christian Rudder (2015), um estudioso da chamada *big data* –

as informações de comportamento e de reação de milhares de pessoas anônimas online – a opinião controversa, a polêmica, o debate polarizado pode atrair mais do que as boas fontes, boas referências e boas críticas. Rudder (2015) mostra que online somos atraídos mais para um filme com crítica dividida do que para aquele filme francês cinco estrelas segundo os “especialistas”. O mesmo valeria segundo Rudder (2015) nos sites de namoro. Mulheres com avaliações polarizadas atraem mais homens do que mulheres avaliadas sempre como “perfeitas”. Na política, a analogia não pode ser transposta diretamente mas o sucesso de Trump no mundo virtual, principalmente no Twitter - segundo Rudder (2015) a rede social mais populista da internet - onde tem milhões de seguidores, traduz esta estratégia de manipular as frustrações, desqualificar a ideia de “Opinião Pública” - eis que surge a pós-verdade e a desilusão com o

mainstream - e criar um movimento populista em torno de sua liderança.

A manipulação das grandes temas que geram ansiedade e frustração é segundo Barry Strauss (2016) uma característica histórica do nativismo/populismo, cujas raízes remetem ao auge do Império Romano quando figuras como Tibério Graco (133 a. C) como um bom orador e cheio de carisma falava diretamente ao povo contra a elite lembrando que em Roma poucos tinham terra mas muitos viviam na pobreza, e esta pobreza seria a riqueza da elite, portanto mantendo a elite se manteria o status quo no qual pouco tinham liberdade, prosperidade e felicidade. Strauss lembra que muitos populistas da era Romana viraram ditadores colocando a Assembleia popular contra o Senado e muitas vezes fazendo do povo algo a manipular conforme os caprichos egoístas do líder. Strauss lembra que todos os “populares” como eram chamados estes líderes em Roma terminaram assassinados. Quando se promete poder ao povo ou uma revolução em nome do povo o risco de uma elite seja nova ou não apenas aumentar a frustração já vigente é grande.

Na política externa esta postura “nacionalista” pode significar tanto uma aproximação ou tentativa de isolacionismo que no caso dos EUA significaria basicamente o afastamento de Organizações Políticas Internacionais (OPI) tanto de viés estritamente políticas como as Nações Unidas (ONU), como com foco econômico, como a Organização Mundial do Comércio (OMC). O mais arriscado é pensar nos riscos de recuo em organizações de foco na segurança, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), neste caso países que são dependentes da segurança proporcionada pelos EUA, como o Japão na Ásia ou os estados do Báltico na Europa podem significar uma nova corrida armamentista e pode significar novos e perigosos conflitos de média e grande intensidade¹⁰¹.

4. Conclusão

Alguns poucos analistas viram como algo “positivo” a vitória de Trump. Um dos aspectos positivos é pensar que com Trump a política

¹⁰¹ Cf. Debate promovido pelo Think Thank CSIS em: < <https://www.csis.org/events/alliances-and-american-leadership-project-launch> > Acessado em 14/12/2016.

americana volta a ser real mais próxima do povo e em linguagem mais popular. Como lembra Schopenhauer:

As pessoas comuns têm profundo respeito ante os especialistas de todo gênero. Ignoram que quem faz de um assunto sua profissão não ama o assunto em si, e sim o lucro que ele lhe dá; e que aquele que ensina um assunto raras vezes o conhece a fundo, porque àquele que o estuda a fundo não resta, em geral, tempo para dedica-se ao ensino. (SCHOPENHAUER, 2014, p. 165)

E força os intelectuais e buscarem análises mais objetivas, que saiam de suas “zonas de conforto ideológicas” nas quais apenas como “Jeremias modernos” repetindo em ciclos infinitos os mesmos argumentos, as mesmas teses e alertando dos mesmos perigos. Trump foi um candidato nativista e revela-se um presidente populista em boa medida como espólio da crise cultural e do próprio papel dos intelectuais nos EUA. Trump basicamente escolheu quatro temas em toda campanha: o politicamente correto; a falta de respostas da esquerda / dos progressistas/ dos liberais; o anti-intelectualismo e a nostalgia do excepcionalismo americano.

Numa conjuntura política de crise, seja ela real ou manipulada como “medo de declínio”, Trump surge como um *outsider*, um “líder forte”, alguém com apelo pessoal e carismático junto ao eleitorado propõe solucionar esta “crise” de forma radical, quase “mágica”, como ele mesmo declarou em abril de 2016: “Se eu ganhar, tudo de ruim que existe nos EUA será revertido¹⁰²”. Trump não propõe revitalizar o partido Republicano, não propõe rearticular os conservadores ou libertários e muito menos se propõe a ser um mediador entre democratas e republicanos. Ele se apresenta como a solução. Neste ponto Trump se encaixa nas clássicas teses populistas. O líder é o projeto, o nacionalismo como suporte teórico, o povo como conceito tampão e manipulado pelo líder que personaliza o poder. Neste ponto Trump declara “amores” tanto ao “povo” quando ao “poder” onde se sente bem e flerta com o autoritarismo.

Tal perfil faz de Trump como presidente algo imponderável.

¹⁰² No original: “If I win, everything bad in US will be reversed”. Cf. contexto da declaração em < <http://thehill.com/blogs/ballot-box/gop-primaries/274966-trump-if-i-win-everything-bad-in-us-will-be-reversed> > Acessado em 15/12/2017.

Muitos pesquisadores do conservadorismo americano, dentre eles este autor, não conseguiram prever ou mesmo, encaixar Trump no espectro conservador contemporâneo¹⁰³. O que nos fica claro é que a crise contemporânea nos termos de Žižek (2017¹⁰⁴) gera uma “redistribuição geral ideológica e política” e neste ponto notamos um retorno, uma nostalgia, ao auge de movimentos nativista nos EUA entre o final dos anos de 1920 e 1930 onde um discurso nacionalista serve como guarda-chuva ideológico para outras manifestações nativistas como a xenofobia, o racismo e a ascensão de um discurso que foca na autoridade que se sobrepõe a polarização conservador/progressista. Neste ponto, o eleitor “frustrado” troca o partido democrata pelo partido republicano, não por que virou “conservador”, mas por que comprou o discurso nativista que propõe um governo autoritário, mas em nome do

povo. Este povo pode ser tanto os mineiros da Virginia Ocidental, como os “supremacistas brancos” em protesto em Charlottesville, basta apoiar Trump, neste caso, todos são aceitos e estarão fazendo a América Grande Novamente.

Bibliografia

BALDWIN, James. ***Black Antisemitism and Jewish Racism***. Ed. Vintage, NYC. 2013.

BAUDRILLARD, Jean. ***A Sociedade de Consumo***. Ed. Edições 70, BH, 3 ed. 2014,

BERLET, Chip. ‘Trumping’ Democracy: Right-Wing Populism, Fascism, and the Case for Action. ***Political Research Associates***, novembro de 2015. Disponível em <http://www.politicalresearch.org/2015/12/12/trumping-democracy-right-wing-populism-fascism-and-the-case-for-action/#sthash.6MAJUpb2.dpuf> Acessado em 12/15/2016.

BERLET, Chip e LYONS, Matthew. ***Right-Wing Populism in America***. Ed. The Guilford Press, NYC. 2000.

BUCHANAN, Patrick J. ***The Death of the West: How Dying Populations and Immigrant Invasions Imperil Our Country and Civilization***. Ed. St. Martin's Griffin, NYC. 2002.

_____. ***Where the Right Went Wrong: How Neoconservatives Subverted the Reagan Revolution and Hijacked the Bush Presidency***. Ed. St. Martin's Griffin, NYC. 2005.

_____. ***Suicide of a Superpower: Will America Survive to 2025?*** Ed. St. Martin's Griffin, NYC. 2012.

BUTLER, Judith. ***Quem são os eleitores de Trump?*** Blog da Boitempo, 11/11/16.

¹⁰³ Cf. parte deste debate em < <https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/why-havent-conservative-thinkers-denounced-trump> > Acessado em 12/12/2017.

¹⁰⁴ Cf. entrevista em < <https://news.vice.com/story/far-left-philosopher-slavoj-zizek-explains-why-he-supported-trump-over-clinton> > Acessado em 12/12/2017. Cf. também discussão mais detalhada em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/08/zizek-hillary-trump-e-o-mal-menor/> > Acessado em 15/12/2017.

Disponível em
<<https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/11/judith-butler-quem-sao-os-eleitores-de-trump/>> Acessado em 15/12/2016.

COHN, Ronald; RUSSELL, Jesse. **Ross Perot presidential campaign, 1992**. Ed. VSD, Londres. 2012.

COLTER, Ann. **In Trump We Trust: E Pluribus Awesome!** Ed. Sentinel, NYC. 2016.

_____. **Adios, America: The Left's Plan to Turn Our Country into a Third World Hellhole**. Ed. Sentinel, NYC. 2016.

CONTINETTI, Matthew. **The Persecution of Sarah Palin: How the Elite Media Tried to Bring Down a Rising Star**. Ed. Sentinel HC, Chicago. 2009.

CRITCHLOW, Donald T. **Phyllis Schlafly and Grassroots Conservatism: A Woman's Crusade**. Ed. Princeton University Press, NYC. 2005.

DESMOND, Humphrey J. **The Know-Nothing Party**. Ed. CreateSpace Independent Publishing Platform. Chicago, 2012.

DIAMOND, Larry; PLATTNER, Marc F.; WALKE, Christopher. **Authoritarianism Goes Global: The Challenge to Democracy**. Ed. Johns Hopkins University Press, Baltimore, 2016.

DINER, Hasia. **Interview: Ford's Anti-Semitism**. PBS, 2012. Disponível em <<http://www.pbs.org/wgbh/americalexperience/features/interview/henryford-antisemitism/>> Acessado em 15/12/2016.

FINGUERUT, Ariel. **Entre George W. Bush (2000-2008) e Barack H. Obama(2009): a efetividade da Nova Direita no consenso político norte-americano**. Tese de Doutorado defendida na Unicamp no programa de Ciência Política. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000926706>>. Acessado em 15/12/2015.

FUREDÍ, Frank. **Populism: A Defense**. Spiked-online, nov. 2016. Disponível em <<http://www.spiked-online.com/spiked-review/article/populism-a-defence/19042#.WFqEHFUrK73>> Acessado em 15/12/16.

GALLAGHER, Nicholas M. **Trump's Appeal to the Radical Middle Is a Wake-Up Call to Conservatives**. National Review. Junho, 2016. Disponível em:

<<http://www.nationalreview.com/article/436544/donald-trumps-jacksonian-voters-andrew-jacksons-nationalist-politics-are-back>> Acessado em 15/12/2016.

GERSON, Michael. **Trump may cost the GOP a generation of voters. The Washington Post**. 15/08/2016. Disponível em
<https://www.washingtonpost.com/opinions/trump-may-cost-the-gop-a-generation-of-voters/2016/08/15/91d56582-6306-11e6-96c0-37533479f3f5_story.html?utm_term=.c02114d06d4c>. Acessado em 15/12/2016.

GORNICK, Vivian. **Feeling Paranoid: Phyllis Schlafly, Trump, and the Terror of Difference**. Boston Review, dez. 2016. Disponível em
<<https://bostonreview.net/politics-gender-sexuality/vivian-gornick-feeling-paranoid>> Acessado em 15/12/2016.

HAYWARD, Steven. **The Politically Incorrect Guide to the Presidents: From Wilson to Obama**. Ed. Regnery Publishing, NYC. 2012.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **Strangers in Their Own Land: Anger and Mourning on the American Right**. Ed. New Press, NYC. 2016.

HOFFMAN, David. **The Oklahoma City Bombing and the Politics of Terror**. Ed. Feral House, NYC. 1998.

HOFSTADTER, Richard. **The Age of Reform**. Ed. Iaca House, NYC. 1960.

_____. **Anti-Intellectualism in American Life**. Ed. Vintage, NYC. 1966.

_____. **The paranoid style in american politics**. Harpers Magazine, 1964. Disponível em <
<http://harpers.org/archive/1964/11/the-paranoid-style-in-american-politics/> >
 Acessado em 15/12/2016.

HUGHES, Robert. **Cultura da reclamação: o desgaste americano**. Ed. Cia das Letras, SP, 1993.

KOLLMAN, Ken. **The American Political System**. Ed. W. W. Norton & Company. Chicago. 2013.

LICHTMAN, Allan. **White Protestant Nation: The Rise of the American Conservative Movement**. Ed. Grove Press, NYC. 2009.

MANNE, Kate. **The Logic of Misogyny**. Boston Review, Julho de 2016. Disponível em <
<http://bostonreview.net/forum/kate-manne-logic-misogyny> > Acessado em 15/12/2016.

McADAMS, Dan P. **The Mind Of Donald Trump**. The Atlantic, junho de 2016. Disponível em:
 <
<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2016/06/the-mind-of-donald-trump/480771/> > Acessado em 15/12/2016.

MEAD, Walter Russell. **Special Providence: American Foreign Policy and How It Changed the World**. Ed. Routledge; NYC. 2002.

PONNURU, Ramesh. **If You Think You Know Trump's Voters, You're Mistaken**. Bloomberg View, 9 de março de 2016. Disponível em <
<https://www.bloomberg.com/view/articles/2016-03-09/if-you-think-you-know-trump-s-voters-you-re-mistaken> > Acessado em 12/12/2016.

ROVE, Karl. **The Triumph of William McKinley: Why the Election of 1896 Still Matters**. Ed. Simon & Schuster. NYC. 2016.

RUDDER, Christian. **Dataclisma: Quem somos quando achamos que ninguém está vendo**. Ed. Best Seller, São Paulo, 2015.

SAUNDERS, George. **Who are all these trump supporters? Julho de 2016, The New Yorker**. Disponível em:
 <<http://www.newyorker.com/magazine/2016/07/11/george-saunders-goes-to-trump-rallies>>. Acessado em 15/12/2016.

SCHRECKER, Ellen. **Age of McCarthyism: A Brief History With Documents**. Ed. Bedford Cultural. NYC. 2001.

SHENK, Timothy. **The dark history of Donald Trump's rightwing revolt**. The Guardian, 16/08/16. Disponível em <
https://www.theguardian.com/news/2016/aug/16/secret-history-trumpism-donald-trump?CMP=share_btn_link > Acessado em 15/12/16.

SHIELDS, Jon A. e DUNN, Joshua M. **Conservative Dhimmitudes on Campus. The Claremont Institute Debate**. 12/12/2016. Disponível em
 <<http://www.claremont.org/crb/basicpage/conservative-dhimmitudes-on-campus/>> .Acessado em 15/12/2016.

SOUZA, Marco Aurélio Dias de. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense? Uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana**. Tese de Doutorado em Sociologia defendida na Unesp de Araraquara em 2014. Disponível em
 <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/116013> >. Acessado em 15/12/2016.

STRAUSS, Barry. **Populism, II: Populares & populists**. The New Criterion, Dez. 2016. Disponível em
 <<http://www.newcriterion.com/articles.cfm/Populism--II--Populares---populists-8506> > Acessado em 15/12/2016.

THORNTON, Bruce. **The Nationalist Revival**. Frontpage Mag, dezembro, 2016. Disponível em
 <<http://www.frontpagemag.com/fpm/26503>

3/nationalist-revival-bruce-thornton >
Acessado em 15/12/2016.

TREVISAN, Cláudia. **Trump, que prometeu ajudar operários pobres, terá gabinete mais rico da história.** O Estado de S. Paulo, A16, 18/12/2016.

TRUMP, Donald Jay. **Let Me Ask America a Question.** The Wall Street Journal,

14/04/2016. Disponível em <
<http://www.wsj.com/articles/let-me-ask-america-a-question-1460675882> >. Acessado em 15/12/2016.

WILLIAMSON Vanessa; SKOCPOL, Theda. **The Tea Party and the Remaking of Republican Conservatism.** Ed. Oxford University Press. NYC. 2013.